

Uma real incompatibilidade de gênios

Nenhuma dívida é pior do que a teórica, porque perdura. Por isso Freud jamais perdeu uma oportunidade para confessar que não era leitor de Nietzsche. Como um possível patrono da nova subversão, Nietzsche foi bem recebido, mas a cidadania psicanalítica (que dificilmente aceitaria) foi-lhe polidamente recusada. Em compensação, o próprio Freud impediu que dele se fizesse a cobaia privilegiada de uma psicanálise à revelia, cuja tendência seria focalizar sua obra pelo ângulo da patologia. Bela lição para aqueles que julgam uma teoria pela vida do autor, interpretada conforme o ângulo mais conveniente a uma tese premeditada.

"O grau de introspecção atingido por Nietzsche não foi atingido por ninguém antes dele, e sem dúvida nunca mais o será." É assim que Paul Laurent Assoun inicia seu milimétrico escrutínio das vidas e das obras de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, que a editora Brasiliense lança na próxima semana.

Munido de uma notável familiaridade com ambas as obras, Assoun escolhe os tópicos mais relevantes para promover seu confronto e articulação: instinto, pulsão, moralidade, cultura... A nitidez da estratégia de Assoun amarra o leitor à sua empresa. Um de seus maiores méritos consiste em ter-se livrado da tutela exercida pelo lacanismo sobre a produção psicanalítica atual, especialmente a francesa. Devolve-se assim a palavra aos textos freudianos, freqüentemente amordaçados pelo jargão dos sectarismos. O resultado é a conjugação - rara - entre inteligibilidade, originalidade e profundidade.

Após discernir nuances e tons, Assoun favorece a tese de que Nietzsche e Freud abordaram a mesma problemática para demonstrações divergentes. Em ambos a consciência e a razão são destituídas. Dissolve-se o comportamento na biologia e depois no desejo; a religião é denunciada como ilusão; arte e ciência são incumbidas de substituí-la; a agressividade e o desejo de poder encontram, enfim, um lugar ao sol teórico. Essa notável comunhão, entretanto, serve a visões contrastantes.

Como tampouco se distanciam tanto, cria-se esse efeito ilusório de uma perspectiva comum. Tendo criticado o ecumenismo artificial dos casamenteiros apressados, Assoun falha em explicitar o exato ponto em que se daria a incompatibilidade de gênios entre, esses "gênios" da iconoclastia. Tudo leva a crer que seu apego à letra, condição inescapável do rigor metodológico, inibiu a decolagem esperada, e seu **Freud & Nietzsche** desliza pela pista da argumentação sem atritos, mas não levanta vôo.

Se, entretanto, a fronteira entre os dois pensadores precisa de um marco privilegiado, então este seria sem dúvida o tema da função do pai. Tem-se a impressão, com referência a essa questão, que a filosofia nietzschiana ficou prisioneira do dilema cujas alternativas seriam a preconização de um poder absoluto e simultaneamente sua crítica radical. Freud, pelo contrário, pôde vislumbrar, através do "pai" e prescindindo de sua figura, a desejabilidade da lei e a legitimidade do desejo. Não mais que a título de sugestão, três dos conceitos mais célebres de Nietzsche parecem conceder-se à seguinte interpretação: a morte de Deus, tão desejada, esvazia o sentido do real resultando no Nada; única esperança restante, o ato terrível deve ser desfeito para repetir-se novamente - o eterno retorno.

www.franklingoldgrub.com